

Professora: Elisangela Marina de Freitas e Silva

EBM Intendente Aricomedes da Silva – Florianópolis/SC

Título

História nas pontas dos dedos: a acessibilidade ao conteúdo de pré-história

Resumo

A história faz parte do nosso caminho, todas as pessoas são sujeitos históricos que participam e modificam a trajetória da humanidade. Por vezes, o primeiro contato com essa percepção acontece no ambiente escolar. Então como fazer para envolver a diversidade de estudantes em um único tema? Como atender às especificidades dos estudantes criando condições de acesso ao conhecimento? Como criar condições de participação e aprendizagem de todos os estudantes?

Essa experiência docente nasce a partir desses questionamentos, pois a diversidade da minha turma de 6º ano do Ensino Fundamental, que reúne estudantes com e sem deficiência, além de dificuldades de aprendizagem, exigiu uma prática pedagógica inovadora. O desafio era conseguir dar acesso a um estudante cego ao conteúdo de história, que é altamente visual e orientado por livros didáticos em tinta. O conteúdo programático de pré-história é pautado em imagens, como as artes rupestres, seus desenho e pinturas, e as representações dos primeiros hominídeos. Então, como tornar tudo isso acessível para a ponta dos dedos? A resposta veio por meio da parceria com as professoras da Educação Especial, que é uma modalidade de educação que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades de ensino e tem como objetivo garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes deficientes. Planejar junto, adequar metodologias, promover acessos por meio de diferentes fontes e dividir espaços de docência, foram os passos que compuseram essa jornada do trabalho colaborativo entre ensino comum e educação especial. Assim, transformamos a escola em uma saída de campo, confeccionamos um painel tátil de artes rupestres e organizamos uma expedição arqueológica no bosque da escola, com representações de artefatos arqueológicos.

Com essas atividades pedagógicas, os estudantes conseguiram assimilar os conteúdos do período pré-histórico, identificando as características que marcam esse momento da história da humanidade. Por meio das produções os educandos socializaram seus conhecimentos com os demais colegas, em uma ação de protagonismo onde atuaram como atores e autores da sua história escolar, do seu processo de aprendizagem.

Planejamento

A cada ano me deparo com novos educandos, de contextos diferentes, que contribuem para minha constituição profissional e pessoal com suas histórias e trajetórias. Quando iniciei meu trabalho nessa escola pública em Florianópolis, encontrei mais um fator que torna única a experiência da docência, a presença de um estudante cego na minha turma do sexto ano. Já havia trabalhado com a educação especial, como, por exemplo, educandos com deficiência intelectual e Transtorno do Espectro Autista, mas a cegueira era um novo universo. Percebi que não sabia ainda como adaptar o currículo da minha disciplina de história, que remete sempre a muitos recursos visuais, a esse mundo que precisa entender a história na ponta dos dedos. Na escola

tem uma Sala de Recursos Multifuncional – SRM, e as professoras prontamente me receberam e explicaram a oferta dos serviços da Educação Especial, auxiliando-me nesse processo de inclusão escolar. A viabilização desta ação foi o agendamento semanal para o planejamento, adaptação dos materiais, curso de grafia Braille e Soroban, tudo organizado nos tempos de hora atividade. Assim, fui orientada pelas Professoras da Educação Especial, que oferecem essa forma de trabalho colaborativo aos demais professores.

Os primeiros conteúdos do 6º ano foram fáceis de ser adaptados, exigindo apenas a transcrição do livro em tinta para a grafia Braille, criando condições para a aprendizagem, trabalhei com patrimônios culturais potencializando os conhecimentos prévios dos estudantes. Tendo em mente que a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008) menciona a necessidade de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos para fornecer acessibilidade ao conhecimento. Busquei estratégias para organizar minhas ações pedagógicas com bases em diretrizes como: o que o estudante deve aprender; como e quando aprender; que formas de organização de ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem; como e quando avaliar (BRASIL, 1999). Então, levei para a sala objetos como tamborim, afoxé, chocalho indígena, para falar das culturais que temos na região. Isso, além de facilitar o aprendizado da turma, envolveu estudantes com e sem deficiência nas mesmas atividades, buscando diminuir a associação da deficiência a incapacidade (BRASIL, 2015). A integração da comunidade foi um forte ponto de significação dos conhecimentos prévios com o saber científico, integrando a todos. Mas o desafio começou quando surgiram os conteúdos ditos pré-históricos, nossos livros didáticos são pensados para pessoas videntes, com muito suporte visual, imagens que por vezes são difíceis de serem descritas sem uma referência conceitual para ancorar novas aprendizagens. Comecei o novo conteúdo, relacionado a pré-história, tentando descobrir o que os estudantes sabiam sobre ou o que já tinham ouvido falar. Muitos falaram de filmes, mencionaram que as pessoas “das cavernas” desenhavam nas paredes e caçavam. Decidi, então, que o planejamento da aula sobre a pré-história teria foco nas inscrições rupestres e nas características da vida cotidiana das primeiras pessoas. Após esses relatos perguntei se na nossa cidade havia algum vestígio que lembrasse esse tema. No primeiro momento eles não souberam responder. Então perguntei se algum deles já havia ido ao bairro Santinho, a grande maioria já o conhecia. Quando mencionei que lá havia várias inscrições rupestres, alguns estudantes pediram para realizarmos uma visita ao local, contudo a Secretaria Municipal de Educação não tinha como disponibilizar recursos para o deslocamento. Decidi que, se não poderia levar os educandos para uma saída de campo, traria a saída de campo para dentro da escola.

Estabeleci praticamente a segunda metade do primeiro semestre para trabalhar com esse tema. Coloquei como recortes o cotidiano do período, instrumentos e suas utilizações. Outro recorte proposto foi usar as imagens encontradas no Brasil, principalmente na Ilha de Santa Catarina e na Serra da Capivara. Para isso utilizei o livro *O Brasil Antes dos Brasileiros*, de autoria de Prous, para orientar as informações apresentadas aos estudantes. Encontrar imagens referentes foi fácil, contudo adaptar isso para um material tátil, foi desafiador. A intenção era criar uma aproximação com os hábitos, crenças e costumes dos povos desse período histórico com a vivência dos estudantes. Para isso, em todos os momentos da aula, eu sinalizava e comparava as características da cultura atual com as atividades daquele período, para que eles percebessem as rupturas e transformações no decorrer da história. Mostrar esse movimento era meu objetivo, para que os estudantes conseguissem diferenciar três momentos históricos: Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais. O trabalho pedagógico foi desenvolvido, organizado e materializado em duas

grandes etapas, com produções dos estudantes em sistema de colaboração com as Professoras da Educação Especial e a Professora do Laboratório de Ciências. A primeira etapa contemplou a reprodução das imagens e inscrições rupestres com textura (areia, massa corrida) para que o relevo promovesse acessibilidade tátil. A segunda etapa foi reproduzida no bosque da escola, a simulação de um mini sítio arqueológico, onde os educandos puderam colocar em prática o aprendizado visto na sala de aula, descobrindo, reconhecendo e sentindo os objetos que representavam os três períodos estudados.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais** :Adaptações Curriculares. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEF/SEESP,1999.

____,Lei 13146/2015, de 06 de julho de 2015.**Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**-Estatuto da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial República Federativa do Brasil. Brasília,DF.

PROUS, A.**O Brasil antes dos brasileiros**:a pré-história do nosso país. Editora: Jorge Zahar,2006.

Diagnóstico

A história da escola está relacionada com o desenvolvimento do bairro, que tinha características rurais, com sua economia baseada na pesca e agricultura. Com o decorrer dos anos, a infraestrutura do bairro passou por um processo de crescimento e atraiu um grande fluxo de turistas. Assim, a escola cresceu junto com o bairro. Atualmente atende cerca de 700 estudantes do Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, sendo a maioria oriunda de famílias de baixa renda e vinculados ao trabalho sazonal do turismo. Esse cenário contribui para o aumento da vulnerabilidade socioeconômica da comunidade escolar, inclusive concorrendo com episódios de falta de segurança decorrente de disputas entre facções do crime organizado.

A escola apresenta boa infraestrutura com espaços para o desenvolvimento das práticas pedagógicas e lazer, como, por exemplo: Sala de Artes, Laboratório de Ciências, Sala Informática, auditório, biblioteca, quadras, parque infantil, ginásio coberto, refeitório e um bosque. Percebi que este ano, apesar da falta de materiais didáticos pedagógicos (cartolina, canetões, tintas, cola), os espaços estavam sempre disponíveis mediante agendamento, facilitando a execução dos planejamentos. Mas quero destacar os serviços da Educação Especial, oferecidos pela Sala de Recursos Multifuncional, que tem desenvolvido práticas ancoradas no trabalho colaborativo: o professor da sala de aula regular e o professor de Educação Especial "definem juntos o planejamento, as avaliações e as estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso ao currículo e o aprendizado de todos os alunos, com deficiência ou não" conforme indica French. (2002, apud MENDES, 2014, p.37). Isso facilitou muito meu trabalho, pois as adaptações curriculares são imprescindíveis na promoção do acesso ao conhecimento ao estudante cego do 6º ano, chamado no relato de João, do qual sou Professora da disciplina de História.

João estuda na escola desde o 1º ano e tem um bom entrosamento com os colegas que o auxiliam, mas o desafio de ensiná-lo se materializou logo nas primeiras letras em Braille que vi no seu material de estudos. Somado a isso, fui percebendo que existia naquela turma outros estudantes com dificuldades de aprendizado, que por este motivo apresentavam uma falta de interesse nos conteúdos propostos.

Inicialmente, minhas aulas foram bastante dialogadas para poder compreender as necessidades do grupo. Foi como percebi que muitos não pareciam estar à vontade para escrever sobre seus aprendizados, por isso decidi manter a conversação como forma de deixá-los mais confiantes. Ao assumir gradativamente o princípio de realidade a partir do exercício da autonomia, passamos a estar receptivos aos novos desafios propostos e a tudo que vem daquilo a que nos sentimos ligados. Segundo Zabalza, "qualquer possibilidade de educação passa pelo estabelecimento de vínculos de relação"(Zabalza, 1998 p. 27), para esse autor, currículo é todo conjunto de ações desenvolvidas pela escola oportunizando a aprendizagem. Pensar e viver uma educação que esteja comprometida com esses princípios requer respeito aos processos de construção do conhecimento, aos processos de movimento do pensamento, pois o ser humano se constitui como tal pela sua capacidade de pensar, criar. Portanto, a adaptação curricular contempla o uso de estratégias e critérios que oportunizam adequar a ação educativa às maneiras peculiares de aprendizagem dos estudantes, atendendo à diversidade humana.

A princípio apenas quatro estudantes participavam dessa atividade interativa e só com o decorrer do tempo e com a socialização dos materiais adaptados, criados inicialmente para João, é que começaram a demonstrar maior interesse nos conteúdos escolares. Ou seja, ao introduzir uma adaptação curricular, um recurso e mesmo uma estratégia, possibilitamos que outros estudantes "ao se apoiarem nos suportes oferecidos, passem a entender melhor o que está sendo ensinado" (MARIN; BRAUN, 2013, p.55).

Para realizar o diagnóstico sobre seus conhecimentos acerca do conteúdo de pré-história, investi duas aulas em que expressaram suas opiniões com narrativas de experiências pessoais. Surgiram relatos variados sobre conhecimentos adquiridos a partir de filmes, referente à pré-história, como os Croods e a Era do Gelo. Muitos estudantes começaram a perguntar como as pessoas faziam para sobreviver. Desta forma percebi que havia curiosidade pelo tema e o desejo para explorar esse universo.

Referências:

MARIN, M.; BRAUN, P. **Ensino Colaborativo como prática de inclusão escolar**. In: GLAT, R.;

PLETSCH, M. D. (orgs). **Estratégias Educacionais Diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MENDES, E.G., et al. **Ensino Colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

ZABALZA, M. A. **Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola**. Porto: Edições Asa, 1992.

Desenvolvimento

Acredito que posso relatar esse período de desenvolvimento das atividades em comparação a uma grande expedição, pois descobri territórios diferentes com a modalidade da Educação Especial, que atuou de forma transversal no ensino da história e que fez dessa parceria uma possibilidade de aprendizagem para todos os estudantes da turma. No primeiro mês de aulas, o tempo foi utilizado para acolher e conhecer os estudantes, estabelecendo vínculos de confiança e oportunizando a realização do diagnóstico sobre o processo de aprendizagem da turma e de cada um. Assim, foi possível perceber quais os conhecimentos que eles tinham em relação ao que seria estudado. Estabeleci muitos diálogos durante as explicações do conteúdo, para vincular

as informações da cultura dos povos pré-históricos com as características das sociedades contemporâneas, por exemplo as pinturas rupestres com as manifestações artísticas atuais como os grafites encontrados nas paredes das cidades. A partir da mediação desses conteúdos, instiguei os estudantes a criar ligações com a história e sua importância nos estudos das ciências humanas, percebendo que ela está inserida nas suas vidas e que somos seres sociais, construtores do nosso tempo, das nossas crenças, costumes e hábitos.

Desde o início realizei planejamento conjunto com as professoras da Educação Especial e introduzi materiais e objetos pedagógicos adequados para promoção da acessibilidade ao conhecimento. Isso contemplou as necessidades do estudante cego do 6º ano, mas também ancorou a aprendizagem de todos estudantes da turma. Importa nesse relato, sublinhar a necessidade e a importância de desenvolver processos de adequação e adaptação curricular de maneira que sejam disponibilizadas formas diversificadas de motivação e envolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem. A diversificação nos modos de ensinar e organizar as aulas é necessária para equacionar os múltiplos processos de aprender, o que implica também em dar espaço para a utilização de diversas formas de ação e expressão por parte dos estudantes, pois "os alunos diferem no modo como podem participar nas situações de aprendizagem e expressar o que sabem" (CAST, 2012). Nesse sentido os preceitos do Desenho Universal para a Aprendizagem – DUA corroboram para orientar uma prática pedagógica inclusiva. O conceito de DUA é geralmente atribuído a David Rose, Anne Mayer e seus colegas do *Center for Applied Special Technology – CAST* (Alves, Ribeiro & Simões, 2013) e corresponde a um conjunto de princípios e estratégias curriculares que procura reduzir as barreiras ao ensino e à aprendizagem. Dessa forma, o docente define objetivos de ensino e cria materiais e formas de avaliação que se adequem a todos os alunos, de modo a que todos possam aprender em uma sala de aula do ensino regular. Em resumo, o DUA tem como finalidade o desenvolvimento de práticas pedagógicas que permitam o acesso ao currículo, a participação e a aprendizagem de todos os alunos, independentemente das suas capacidades (CAST, 2012).

Iniciei os conteúdos sensibilizando a turma inteira sobre as transformações históricas que a sociedade vem sofrendo nos últimos anos. Primeiramente, falei das mudanças tecnológicas, levando objetos pessoais como: vinil, fita cassete, disquete, CD, *pendrive* e celular, pois as referências a estes artefatos estavam em tinta no livro didático e João não teria acesso. Quando apresentei esses materiais, imediatamente, os estudantes começaram a olhar e perguntar sobre eles, pedindo para tocar e manipular. Assim organizei a ação pedagógica de forma que todos pudessem associar os conceitos à experiência tátil. Essa foi uma prática recorrente em minhas aulas, a cada novo conteúdo busco apresentar objetos que colaborem com o ensino-aprendizagem de todos estudantes. Foi assim também na sensibilização do conteúdo sobre patrimônio, em que trouxe áudios de festas populares e objetos que representam o patrimônio histórico cultural do nosso país, como, por exemplo, o tamborim, afoxé, reco-reco, chocalho indígena.

Os trabalhos e conteúdos propostos foram realizados com todos os estudantes da sala, por vezes eu chegava na sala de aula empolgada, cheia de materiais para a acessibilidade, contudo, em alguns dias, João não estava presente. No primeiro momento, confesso, sentia-me um pouco frustrada, pois também desenvolvia uma expectativa sobre como ele reagiria com a atividade. No entanto, esses momentos me proporcionaram perceber que toda a turma estava interessada nos materiais adaptados e que essa adequação curricular envolvia satisfatoriamente todos os

estudantes, pois, como mencionado por Vygotsky (2007), as pessoas precisam de objetos na mediação do conhecimento, o sujeito interage com o meio, neste caso com os objetos, e o conhecimento é constantemente construído por meio desse diálogo entre sujeitos e objetos.

Materializo esse primeiro semestre, notadamente, pelo desenvolvimento de duas práticas pedagógicas que foram realizadoras para os estudantes, dando visibilidade para suas produções e conhecimentos, são elas o painel das artes rupestres e a escavação dos sítios arqueológicos. Para o início das atividades, organizei etapas de realização. Essas duas práticas pedagógicas estão inseridas no conteúdo programático de história para o 6º ano, contemplando a parte chamada de pré-história.

A primeira etapa de produção dos estudantes começou a ser realizada dentro da sala de aula, com leituras de textos do livro didático *O Brasil Antes dos Brasileiros*, oferecido em grafia Braille e em tinta, para sensibilizá-los em relação aos seres humanos e suas possíveis práticas cotidianas no período em que a humanidade não havia desenvolvido a escrita. Expliquei à turma sobre a falta de registros históricos que possuíssem uma escrita deste período (começamos a estudar os primeiros hominídeos que tiveram sua existência comprovada há cerca de 3,9 milhões de anos, como o *Australopithecus*). Os estudantes me questionaram como era possível saber, então, que essas pessoas realmente existiram, contei, por conseguinte, sobre o ofício dos arqueólogos e paleontólogos. Isso despertou o interesse sobre essas profissões, muitos falaram sobre os filmes do parque dos dinossauros e aproveitei para discutir com eles a diferença entre um arqueólogo e o paleontólogo. Enfatizei que o arqueólogo era responsável pela análise do material deixado pela humanidade ao longo do tempo. Percebi também algumas resistências sobre a questão da existência dos hominídeos, devido as orientações religiosas. Enfim, todas as questões que foram sendo suscitadas no decorrer das aulas eram palco de discussões tendo como força motriz o interesse da turma.

Durante o primeiro semestre, por vezes, senti dificuldades em transmitir para o João os aspectos da transformação histórica, como, por exemplo, a diferenciação dos primeiros hominídeos. Deste modo, meu planejamento, a partir das orientações das professoras da Educação Especial, foi reestruturado e adaptado para que salientasse características que pudessem destacar e provocar contrastes de comparação. No caso dos hominídeos, apresentamos a ele uma imagem em alto relevo sobre a diferença dos crânios desses povos, utilizando barbante e cola para criar a informação tátil. Assim, inseri os crânios na linha do tempo dos períodos denominados de Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais, criando informações que traduziam os conceitos do conteúdo. As fotos dos materiais criados estão anexadas no documento "Painel da arte rupestre".

Após as primeiras leituras e discussões, illustrei minhas aulas com materiais desenvolvidos pela professora da Sala Recursos Multifuncional (arco e flecha, tronco de árvore com varetas para produzir fogo e pedras para fazer faíscas, as fotos estão disponíveis no anexo "Painel da arte rupestre"), para eles manusearem, de forma lúdica, os objetos utilizados pelas pessoas daqueles períodos históricos. Muitos deles relataram que não entendiam como seria possível produzir fogo por meio da fricção de madeiras ou mesmo pedras. Por isso, pensamos em tentar produzir fogo usando os referidos objetos. A atividade não teve o sucesso esperado, mas os estudantes sentiram cheiro semelhante ao de pólvora e sentiram a madeira esquentar. Tal atividade tomou o tempo de duas aulas e mobilizou os estudantes para a aprendizagem.

Foi então que, usando o auditório da escola, apresentei em filmes e fotos as imagens de pinturas e inscrições rupestres encontradas pelo mundo, no Brasil e particularmente em Santa Catarina. Usei uma edição de dois minutos da animação *Os Croods* (filme estadunidense de animação, produzido pela *DreamWorks Animation* que fala das mudanças na vida das pessoas do período pré-histórico) para introduzir a discussão sobre os registros realizados na época pré-histórica a partir dos desenhos nas paredes da caverna. Durante a exibição da animação realizei a áudio descrição para João, detalhando oralmente as imagens. Com a colaboração de um colega de turma, ambientado com essa tarefa, descrevemos os cenários para que ele pudesse criar uma referência conceitual sobre o tema. Depois dessa ambientação, que durou duas aulas, propus para a turma a confecção de um painel semelhante às pinturas das cavernas para vivenciar a sensação de registrar fatos cotidianos (dos hominídeos). Deste modo, a turma poderia experimentar o registro por desenhos. Para dar acessibilidade à atividade, pensando no João, as pinturas foram realizadas com uma mistura de massa corrida e areia, usando os dedos como pincéis. Isso criou relevo e textura. Toda atividade foi realizada na sala de artes da escola e em sistema de colaboração com as professoras da Educação Especial, que também acompanhavam as aulas onde havia necessidade de mais de um professor para auxiliar na organização e participar da execução das ações. Os estudantes foram levados para sala de educação artística, facilitando o manuseio de diferentes materiais como papel, cola, pincéis, tintas, massa corrida, areia, tesouras. Cada grupo trabalhou em projetos orientados pelos conteúdos estudados em sala de aula.

Os trabalhos para a confecção do painel envolveram três semanas, com atividades para efetivar: introdução ao conteúdo, produção e finalização, ou seja, foram nove aulas. A primeira semana envolveu a leitura de textos editados sobre pré-história, manuseio de objetos, visualização e descrição de pinturas rupestres e a produção de um texto coletivo para colocar no painel que seria confeccionado a seguir. O texto foi produzido por todos os estudantes, escrito em tinta e em Braille. A produção ficou assim: "Arte rupestre são desenhos ou inscrições feitas pelos humanos, que viveram na era pré-histórica. As inscrições foram feitas para retratar atividades do cotidiano dessas pessoas. Foram preservadas por estarem dentro das cavernas. Exemplos: caças, reuniões, rituais e animais. As mais famosas artes são encontradas: Brasil (Serra da Capivara) no Piauí, Argentina (Caverna de Altamira), França (Caverna Lascaux)". O texto foi elaborado apenas pelos educandos, com pequenas intervenções minhas como a mudança de homens por humanos (expliquei a importância de usar a palavra humano para abranger mulheres e homens) e a utilização da palavra preservadas. No texto eles não mencionaram a Ilha de Santa Catarina, contudo na escolha das imagens para ilustrar o painel, há uma imagem que retrata uma pintura rupestre presente na Ilha do Campeche (possível observar na fotografia do painel que foi exposto no corredor cultural da escola). Anexo "Painel da arte Rupestre".

Após este primeiro momento, foram realizadas as pinturas no papel *kraft* (material disponível na escola). No início da aula, para o desenvolvimento do painel, os estudantes presentes foram divididos em quatro grupos, onde cada participante tinha como desafio reproduzir uma pintura rupestre que tivesse despertado seu interesse. Essa prática autorizou os educandos com dificuldade de aprendizagem a socializar com seus colegas as impressões sobre o conteúdo estudado, pois não envolvia a escrita. Cada grupo, então, escolheu o que representariam no painel coletivo. Dois grupos acabaram escolhendo a representação dos animais, outra equipe as inscrições presentes na Ilha do Campeche (traços representando um humano). João ficou neste grupo e teve sua atividade mediada pelos colegas, com auxílio e adequações necessárias à sua

participação. O quarto grupo optou por retratar a vida cotidiana do povo pré-histórico, representando a fogueira na forma que eles conhecem dos desenhos animados, diferente, portanto, das imagens observadas nas pinturas rupestres. Todos estes aspectos foram sendo considerados e discutidos durante a realização da atividade sem uma intervenção marcada pelo erro, mas sim na construção do conhecimento. O carimbo das mãos foi a representação de pintura rupestre que mais impactou os estudantes videntes, por isso todos e todas queriam reproduzi-la. Por certo isso se deu devido à sensação de mergulhar a palma da mão na mistura de massa corrida e areia. Assim, ficou definido que as mãos caracterizariam suas assinaturas no trabalho, já que, segundo estudiosos, essa marca representa o domínio daquele espaço. É possível ver esse detalhe no Anexo "Painel da arte Rupestre".

Por último os estudantes confeccionaram cartazes que acompanharia o painel, dando suporte de informação. O trabalho estava chamativo e os estudantes muito animados com suas produções. Foi quando surgiu a iniciativa de expor os trabalhos para a comunidade escolar, dando visibilidade às ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, materializando o movimento do pensamento e valorizando a autoria dos estudantes. Em um ambiente que serve de passagem de um pátio para outro, foi criado então o Corredor Cultural, espaço que passa a receber as produções dos estudantes, onde eles organizam e mostram para seus colegas o resultado de seus estudos em uma clara demonstração da valorização do protagonismo estudantil. As fotos da produção do painel e da exposição estão no Anexo "Painel da arte Rupestre". Dando sequência ao planejamento, aprofundamos os estudos sobre as principais transformações ocorridas nos períodos Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais. As professoras da educação especial transcreveram para Braille os textos referentes a cada período, e, para incorporar as representações ao imaginário dos estudantes, rerepresentei os objetos (arco e flecha e ferramentas para produzir fogo). O desafio era compreender e identificar os períodos a partir dos diferentes artefatos.

Após algumas aulas com leituras e produção textual conjunta, e, diante do interesse dos estudantes, elaborei a ideia de reproduzir uma versão reduzida de um sítio arqueológico no bosque da escola que tem sinalização visual tátil. Para a realização desta atividade, além da ajuda das professoras da educação especial, também contei com a contribuição da professora do laboratório de ciências, que forneceu pás de jardim, pincéis, recipientes plásticos, conchas e ossos de animais. Tal prática pedagógica teve que ser organizada com uma semana de antecedência, pois era necessário preparar o terreno para receber os objetos que iriam ser enterrados, selecionar os objetos e fazer as sinalizações.

Os objetos escolhidos por mim foram peças de cerâmica, colheres de metal (por falta de outros objetos que representassem a Idade dos Metais), cerâmicas com representações das pinturas rupestres, conchas, ossos de animais. Além do preparo "físico" do terreno, os estudantes foram sensibilizados, durante duas aulas, para compreender o ofício do arqueólogo. Foram exibidos dois vídeos para explicar e discutir a função do arqueólogo e como é realizado seu trabalho. Depois destas duas aulas, tive necessidade de utilizar mais uma aula para dialogar com os educandos, para definirmos quais práticas teríamos "em campo" e como eles se organizariam para desenvolver a atividade. Primeiro a turma novamente foi dividida, agora em cinco grupos, cada grupo ficou responsável por um determinado "sítio arqueológico". Também lhes foi instruído que cada um teria a responsabilidade de ajudar a escavar, limpar e registrar os objetos. Para o registro elaborei uma ficha onde eles descreveram os objetos encontrados, identificando

o período ao qual pertenciam. O registro foi feito com desenhos dos objetos nas respectivas quadrículas delimitadas no sítio arqueológico.

No dia da "saída a campo", dia muito esperado por todos, cada grupo foi alocado em um sítio que estava delimitado por pequenas estacas de madeira. À medida que os objetos eram descobertos, cabia ao grupo a limpeza usando pincéis de forma delicada, para preservar a estrutura e conservar o artefato. O João participou de todos os momentos, ajudando a escavar, sentindo quando a pá tocava a peça e utilizando o pincel para retirar o excesso de terra acumulado no objeto, sempre auxiliado voluntariamente pelos colegas. Na hora do registro, ele auxiliou o grupo descrevendo os objetos. Nesta parte da atividade, senti que os estudantes apresentaram dificuldades na escrita, muitos descrevendo de forma simplificada os objetos, contudo oralmente sabiam explicar com mais propriedade sua representatividade. Neste dia, em virtude da colaboração das professoras da educação especial e laboratório de ciências, foi possível realizar o registro de forma mais efetiva, conforme anexo no documento "Sítio Arqueológico".

Importa registrar que essas atividades não se limitaram apenas à turma do 6º ano em que estuda o João, ela também foi utilizada em outra turma de 6º ano em que sou docente. Apesar de não haver estudante com deficiência, optei por replicar o planejamento com adequações curriculares, pois se trata de uma turma com muitas dificuldades de aprendizagem devido ao alto nível de dispersão. Pude perceber que, após a inserção dos objetos adaptados, inicialmente pensados para o estudante cego, aumentou-se o nível de concentração e participação nas aulas, devido ao interesse, eles também realizaram a atividade do sítio arqueológico. Realizei algumas alterações para atender às especificidades da turma e assim deixar a prática mais atrativa visualmente, como, por exemplo, usar barbante amarrado nas estacas de madeiras para demarcar os limites das quadrículas dos sítios arqueológicos, algo que facilitou a localização das quadrículas e por consequente evitando a dispersão desses estudantes.

Referências:

Alves, M. M., Ribeiro, R., & Simões, F. 2013. **Universal design for learning (UDL): Contributos para uma escola para todos**. Tecnologias da Informação em Educação, Indagatio Didactica, 5(4), 121-146.

CAST. **Design Universal para Aprendizagem**. 2012. Disponível em: <http://www.cast.org/udl/index.html>. Acesso em: 15 agosto 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.

Avaliação

Aprendizagem

A docência é um ato de descobertas constantes, e esse intenso movimento de ensinar e aprender se transforma em uma grande aventura por diferentes territórios nos tempos e espaços escolares. Essa é uma atividade necessária para o exercício da profissão, pois quem não é capaz de acreditar no processo de aprendizagem, diante da diversidade dos estudantes, tem sua prática pedagógica por vezes comprometida.

Acompanhar o caminhar do processo de aprendizagem dos estudantes, além de ser gratificante, é uma atividade necessária para qualquer professora. Fui acompanhada nesta trajetória pelas professoras da Sala de Recursos Multifuncional, que me receberam prontamente e explicaram que a oferta dos serviços da Educação Especial, nessa Unidade Educativa, está pautada na organização do trabalho colaborativo entre professores da Educação Especial e comunidade escolar. Há nessa escola uma tentativa de mudar a organização e o caráter dos serviços da Educação Especial, que limita muitas vezes o Atendimento Educacional Especializado – AEE às salas de recurso de multifuncional, ou seja, extrassala de aula do ensino regular. Isso, normalmente, reforça a ideia que o problema está com o estudante e não com a escola ou o ambiente escolar (MENDES, *et. al*, 2014, p. 29). Foi assim que iniciei minha participação na tecitura da rede de apoio à inclusão escolar.

Isso implica criar condições para a realização do planejamento em conjunto, elaboração e organização dos recursos pedagógicos para uso em sala de aula regular e suporte na ação docente em sistema de ensino colaborativo, que, na visão de Ferreira (2007, p.1), a parceria entre os professores de Educação Especial e os professores de educação regular é fundamental para a elaboração do planejamento das aulas, assim como suas trocas de saberes e modos de avaliar os procedimentos de ensino. Soma-se a essa forma de organização dos serviços da Educação Especial a formação no exercício da profissão, pois, quando estudamos e planejamos a partir de um caso real, enlaçamos subsídios teóricos que resultam em conhecimento e suporte pedagógico para o exercício docente eficaz à aprendizagem. Pois, nesse caso, o estudante cego também tem o direito ao conhecimento produzido e organizado historicamente pelas pessoas, da forma mais adequada possível.

A prática pedagógica aqui relatada resultou num entendimento de que todos os materiais e objetos para acessibilidade são partes fundamentais no ensino aprendizagem de todos os sujeitos, deficientes ou não. Como a introdução dos materiais produzidos na SRM para representar o cotidiano dos primeiros humanos, o manuseio de objetos similares aos usados pelos povos pré-históricos (tais como o arco e flecha, tronco de árvore com varetas para produzir fogo e pedras para fazer faíscas), favoreceu esse processo de construção de conhecimentos, pois, ao praticar, mesmo que de forma lúdica, movimentos e posturas que representam o passado, o estudante conseguiu compreender o conteúdo tendo como referência essa vivência. Desta forma, os estudantes desenvolveram, através de seus questionamentos, um referencial sobre o conteúdo de pré-história. Compreenderam que segundo a ciência existiram hominídeos anteriores ao *homo sapiens sapiens* e que eles tinham níveis distintos de desenvolvimento cerebral, que os instrumentos produzidos pelos *homos* eram referentes a sua capacidade intelectual.

Relatar essa prática pedagógica contribuiu para eu refletir acerca da importância e necessidade de desenvolver processos de adequação curricular, com ampliação dos repertórios metodológicos de ensino. Ou seja, variar as fontes de apresentação dos conteúdos escolares e possibilitar a utilização de diversas formas de ação e expressão da aprendizagem dos estudantes, sendo eles com ou sem deficiência.

Portanto, a avaliação do processo de aprendizagem foi sendo realizada no decorrer das aulas, por meio da observação atenta dos movimentos que cada um fazia para elaborar e significar os conteúdos escolares. Busquei considerar vários aspectos, desde as primeiras leituras realizadas em conjunto, onde todos os educandos tiveram a oportunidade e encorajamento de ler, e

aqueles que apresentavam timidez ou medo podiam realizar suas leituras em voz baixa. Ao longo do tempo os estudantes foram pedindo para ler em voz alta, quando um novo texto era apresentado para a turma. A colaboração entre colegas, o cuidado com os materiais disponibilizados em sala de aula, a entreaajuda nas saídas de campo, o respeito nas relações considerando as diferenças no processo de aprendizagem foram tópicos também considerados na avaliação.

Entendo que a aprendizagem acontece quando conseguimos usar um conhecimento para entender outros contextos. Essa transposição exige estudos, raciocínio, experimentação, observação e elaboração conceitual (VYGOTSKY, 2007). Essas premissas orientaram meu olhar docente e pude constatar que os estudantes conseguiram entender as pinturas/inscrições rupestres por meio das imagens, ou revelo, e o seu significado, ou seja, usam o conhecimento para interpretar os desenhos e sabem identificar as representações do cotidiano dos primeiros humanos. Esse resultado foi materializado por meio da realização do painel com as pinturas rupestres, ocasião que os estudantes elegeram as representações consoantes com seus significados históricos.

Para observar o aprendizado dos estudantes realizei, além das leituras em conjunto com a turma, diálogos constantes com questionamentos e apreciação dos conhecimentos prévios da turma, sempre apontando como aquela contribuição foi pertinente para entender ou ajudar a perceber o conteúdo estudado. Também analisei os textos desenvolvidos na realização das atividades propostas pelo livro didático, sobretudo a produção final do questionário sobre o sítio arqueológico.

Percebi nas respostas orais e escritas um aprendizado significativo do conteúdo sobre pré-história, principalmente quando sinalizam as distinções presentes nos períodos: Paleolítico, Neolítico, Idade dos Metais. O aprendizado significativo segundo Moreira (2012, p.2) é a "interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não-litera e não-arbitrária." Ou seja, os conhecimentos que surgem através do conteúdo, os novos conhecimentos, assimilam o significado para o sujeito e ressignificam os conhecimentos prévios. Na prática pedagógica do sítio arqueológico, observei que os estudantes souberam selecionar e identificar os objetos representantes de cada período, tanto oralmente como na forma de escrita e desenhos, registrados nas fichas catalográficas (fichas em anexo "sítio arqueológico"). Pude acompanhar as discussões entre eles sobre dúvidas que apareciam durante as escavações e o nível de argumentação que trazia referências ao conteúdo estudado. Minha posição nesses momentos foi de mediação, trazendo perguntas que instigassem o pensamento e colaborassem para a elaboração de hipóteses. Por exemplo, fazia com que refletissem sobre a matéria prima usada na confecção dos objetos e a qual período aquilo reportava. Assim eles próprios chegavam às conclusões.

Entretanto, apesar dessa diversidade de estímulos, há na turma estudantes que apresentaram dificuldades para expressar suas análises com relação aos conteúdos estudados. Conseguiram realizar narrativas apresentando alguns elementos sobre os períodos estudados, mas com dificuldades para entender as contribuições que os artefatos arqueológicos contribuem para a narrativa histórica. Contudo, entenderam o que é um sítio arqueológico. Acredito que eu deveria ter detalhado mais as contribuições realizadas pelos arqueólogos, destinado um tempo diferenciado para esses estudantes de modo que eles pudessem elaborar os conceitos a partir de outras abordagens. Por exemplo, apresentar imagens ou vídeos de arqueólogos que

encontraram objetos que modificaram a percepção da história da humanidade, mas entendo que é algo que pode ser realizado em outras partes do conteúdo programático de história. Penso que a experiência contribuiu para que os estudantes tenham ficado mais participativos em nossas aulas, pois entendem e são respeitados nos seus diferentes tempos de aprender.

Compreendo a avaliação didática como algo complexo, como menciona Libâneo (1991), na qual procuro avaliar de forma qualitativa e não apenas quantitativa. Apesar de ter atribuído conceitos as atividades dos estudantes, busquei enaltecer a percepção do desenvolvimento do rendimento da turma, sua organização, suas relações interpessoais e a atenção ao conteúdo curricular. Verifiquei por meio das atividades propostas em sala de aula e nos diálogos com a turma quais pontos não haviam sido assimilados e estes retornaram à pauta por meio de exemplos comparativos e analogias nos conteúdos posteriores. Por exemplo, na introdução do conteúdo sobre a Mesopotâmia lembrei aos alunos que no período da Idade dos Metais surgiram as consideradas as primeiras cidades e a utilização dos metais, vistos nos registros arqueológicos referentes à região da Mesopotâmia.

Entendo que meu objetivo enquanto conteúdo curricular foi alcançado e trouxe consigo aprendizados inimagináveis. Avalio que a turma conseguiu entender as diferenças entre os períodos da pré-história, sendo o período do Paleolítico como a idade da pedra antiga, momento que os primeiros homínídeos estavam se desenvolvendo, mas ainda não dominavam o fogo; o período Neolítico, quando as pessoas começaram a se sedentarizar devido ao desenvolvimento da agricultura; e a Idade dos Metais, quando surgiram as primeiras cidades e o desenvolvimento de objetos produzidos pelos metais, mas, sobretudo, aprenderam que na diversidade humana reside a maior riqueza e quando buscamos respeitá-la, todos ganham. Foi dessa forma que a presença de um estudante cego trouxe o aprendizado para ponta dos dedos de toda turma, pois tocar e experimentar passaram a ser estratégias coletivas. Acredito que esse seja o maior desafio dos docentes da contemporaneidade, trabalhar com turmas heterogêneas promovendo o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes.

Acredito que estas práticas surtiram o efeito desejado na questão de ensino-aprendizagem, pois os estudantes conseguiram compreender os objetivos das atividades realizando identificações e análises dos objetos e conteúdos. Trabalhei de forma recorrente esse conteúdo para que os estudantes pudessem compreender os conteúdos previstos, a inserção dos objetos colaborou para os aprendizados dos estudantes com dificuldades e especialmente para a compreensão do estudante cego, sem os quais poderia comprometer o entendimento do conteúdo da pré-história. Um desafio que não foi superado nesta prática foi a representação dos primeiros homínídeos para o estudante cego, pois faltou recursos e apenas o desenho em relevo não foi suficiente para a diferenciação das espécies.

A inclusão de materiais de acessibilidade nas aulas fez abrir um novo leque de possibilidades para o ensino de história. Os próximos conteúdos que serão trabalhados abrangem o período das primeiras civilizações com escritas, os trabalhos colaborativos com as professoras da Educação Especial corroboram para as atividades cada vez mais inclusivas. Para as novas práticas a ideia é com a produção alto relevo de escritas sumérias e egípcias lembrando com a escrita braille, o resultado dessa produção será a trocas de mensagens entre turmas, com aspectos referentes a essas civilizações.

A conquista dos direitos das pessoas com deficiência implica em uma série de mudanças tanto arquitetônicas, com os espaços de acessibilidades, como atitudinais. Na escola esse cenário tomou contornos que exigem do professor uma nova dinâmica nos modos de ensinar, de organizar os tempos e espaços e acima de tudo de compreender e acompanhar o processo de aprendizagem de cada um e de todos. Para isso, é necessário que haja uma rede de apoio à docência, só assim é possível a inclusão escolar.

Referências:

FERREIRA, Bárbara C., et al. **Parceria colaborativa: descrição de uma experiência entre ensino regular e especial.** Revista Educação Especial, 2007, n.29. Disponível em <http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas>. Acesso em agosto de 2017.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo/BR: Cortez, 1991.

MENDES, Enicéia G., et al. **Ensino Colaborativo como apoio à inclusão escolar:** unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal Aprendizagem significativa?** Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2020. Aceito para publicação, Currículo, La Laguna, Espanha, 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.

Reflexão

Essa experiência pode ser realizada por qualquer professor e em todas as áreas, pois o objetivo dessa prática é contemplar a diversidade nos processos de aprendizagem. As atividades devem ser adequadas ao ritmo de aprendizagem da turma e adaptadas para estudantes com deficiência, quando for o caso. Mas, especificamente esse relato, objetivou dar ênfase sobre a necessidade da articulação do trabalho colaborativo entre professores da Educação Especial e professor e sala de aula do ensino regular, pois uma escola inclusiva é aquela que ensina todos alunos em salas de aula regulares. Portanto, é necessária uma rede de apoio à docência para que a oferta das estratégias pedagógicas seja adequada, adaptada, desafiadora e alinhada às especificidades dos estudantes.

Se considerarmos que a Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva vem sendo desdobrada no território brasileiro desde 2008, podemos imaginar que há um número considerável de Professores da Educação Especial atuando nas escolas públicas desse país. Então, para replicar essa experiência é necessário estabelecer parceria entre os profissionais que já existem nas unidades educativas, criando as redes de apoio à docência. Para tanto, o Atendimento Educacional Especializado precisa ser realizado em todas as dimensões que o caracterizam e não ficar restrito ao atendimento em uma sala de recursos multifuncional, como modelo tamanho único de intervenção da Educação Especial. O professor da Educação Especial ao restringir sua atuação ao ambiente segregado da sala de recursos contribui para que as práticas pedagógicas permaneçam inalteradas na sala de aula regular no que tange as adequações e adaptações curriculares aos estudantes com deficiência. Assim, a única dificuldade

que visualizo para replicar essa experiência em outras escolas é a ausência do trabalho colaborativo entre os profissionais das Unidades Educativas. Na contemporaneidade, o ofício de ensinar envolve muitas dimensões e não pode ser atribuído a prática solitária de um professor. Isso não caracteriza uma rede.

Finalmente, para aqueles professores que se inspirarem nesse relato, eu posso garantir que encontrarão condições para a realização do planejamento conjunto, elaboração e organização dos recursos pedagógicos para uso em sala de aula regular e suporte na ação docente em sistema de ensino colaborativo. Essa parceria na qual um educador comum e um educador especial dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar os procedimentos de ensino a um grupo heterogêneo de estudantes é que contempla a diversidade de uma sala de aula e cria condições reais de aprendizagem para todos estudantes.